

CONCORDÂNCIA VERBAL: ANÁLISE DO TRABALHO COM A GRAMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Marcieli Souza de Oliveira (SEE-AC)

macieli21@hotmail.com

Selmo Azevedo Apontes (UFAC)

selmoapontes@gmail.com

RESUMO

Nos dias atuais, torna-se cada vez mais necessário que o professor de língua portuguesa compreenda a importância de desenvolver um bom trabalho com os conteúdos gramaticais, uma vez que a aprendizagem de tais conteúdos, principalmente no Ensino Fundamental, contribuirá para a melhoria do desempenho linguístico dos alunos, tanto na leitura quanto na escrita de textos. Pensando nisso, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise reflexiva acerca de como nós, professores de língua portuguesa, vemos e aplicamos o ensino de gramática na sala de aula. Como proposta metodológica adotou-se como específico o estudo da concordância verbal em turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II, da escola Instituto Odilon Prati em Brasília, através da necessidade que se observou nas produções de texto dos próprios alunos, assim como, por ser um conteúdo previsto para o trabalho no plano de curso e livro didático da série/ano. Apresenta-se ainda uma proposta de intervenção considerando o gênero texto dissertativo-argumentativo que venha contribuir com a aprendizagem dos alunos, fazendo-os refletir sobre o uso da língua. Para dar suporte a discussão fez-se o uso dos apontamentos e contribuições de Câmara Jr. (2014), Campos (2014), Franchi (1987), Silva (2004) e Travaglia (2009). Diante do trabalho realizado, verificou-se o quanto é fundamental que, nós, professores, tenhamos um olhar mais cuidadoso com a metodologia que adotamos na sala de aula, pois este é o primeiro passo para que haja mudança no ensino de gramática e, principalmente, na aprendizagem do aluno, uma vez que, embora a prática adotada não tenha sanado completamente os problemas de concordância diagnosticados, nota-se que a maneira adotada, sem dúvidas, proporcionou ao aluno um momento de aprendizagem significativo.

Palavras-chave:

Aprendizagem. Metodologia. PROFLETRAS.

Ensino Fundamental. Ensino de Gramática.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise reflexiva acerca de como nós, professores de língua portuguesa, vemos e aplicamos o ensino de gramática na sala de aula, tomando como específico o estudo da concordância verbal; bem como apresentar uma proposta de intervenção considerando o gênero texto dissertativo-argumentativo que venha contribuir com a aprendizagem dos alunos, fazendo-os refletir

sobre o uso da língua.

Para uma reflexão voltada para nosso trabalho em sala de aula é preciso considerar os três tipos de ensino de gramática: prescritivo, descritivo e o produtivo, apontados por Travaglia (2009). O ensino prescritivo tem por finalidade levar o aluno a substituir seus próprios padrões de atividades linguísticas considerados errados/inaceitáveis por outros considerados corretos/aceitáveis. Neste sentido, está diretamente ligado à gramática normativa, que é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, isto é, privilegia, em sala de aula, o trabalho com a variedade culta, em que um dos objetivos básicos a correção formal da linguagem.

No ensino descritivo, a finalidade é mostrar como a linguagem funciona e como determinada língua em particular funciona. Fala de habilidades adquiridas sem procurar alterá-las, porém mostrando como podem ser utilizadas. Este tipo de ensino, que também é enfatizado por Câmara Jr. (2014), existe não só a partir das gramáticas descritivas (aquela que trabalha com qualquer variedade da língua e não apenas com a variedade culta e dá preferência para a forma oral desta variedade), mas também no trabalho com as gramáticas normativas, considerando, no entanto, todas as variedades da língua. O ensino descritivo traça como objetivos não só de levar ao conhecimento da instituição social que a língua representa: sua estrutura e funcionamento, sua forma e função; mas também ensinar o aluno a pensar, a raciocinar, a desenvolver o raciocínio científico, a capacidade de análise sistemática dos fatos e fenômenos que encontra na natureza e na sociedade.

O terceiro tipo de ensino, o produtivo, tem como objetivo ensinar novas habilidades linguísticas. Quer ajudar o aluno a estender o uso de sua língua materna de maneira mais eficiente; não altera padrões que o aluno já adquiriu, mas procura aumentar os recursos que possui para uso adequado. De acordo com Travaglia (2009, p. 40) este tipo de ensino é o mais adequado, pois tende a desenvolver a competência comunicativa, uma vez que tal desenvolvimento implica a aquisição de novas habilidades de uso da língua e o ensino produtivo visa especificamente ao desenvolvimento de novas habilidades.

Conhecer estes três tipos de ensino é de fundamental importância para que possamos nos avaliar como professores, entender como estamos trabalhando com a gramática em nossa sala de aula. Conforme Travaglia (2009, p. 40), estes três tipos de ensino não são mutuamente excludente

e, de acordo com nossos objetivos, podemos em nosso trabalho utilizar todos eles. O problema é que muitas vezes trabalhamos apenas fazendo o uso principalmente do ensino prescritivo que, infelizmente, não tem apresentado o objetivo esperado; por outro lado, esquecemo-nos do ensino descritivo e produtivo, considerados muito úteis para o aluno, causando danos na formação do aluno, tanto no que se refere a conhecimento linguístico de que disporá em sua vida, quanto no que diz respeito à obtenção de uma competência comunicativa mais ampla, que fundamental para sua vivência.

Entendermos ainda a importância do trabalho com a gramática é outro fator muito importante e que contribui para obtenção de bons resultados. Silva (2004, p. 84) enfatiza que o ensino de gramática contribuirá para a formação intelectual e afetiva do ser humano.

(...) um ensino adequado de gramática parece-me fundamental no processo escolar: atingida a maturidade necessária (dirão quando os psicopedagogos), um ensino sistemático de gramática, embasado em princípios teóricos explícitos, coerentes e adequados ao nível escolar, é uma atividade racional que só enriquecerá a capacidade de raciocínio, de reflexão e de possibilidade de criação e de sua expressão pelo estudante. Colocaria este tipo de ensino como tão significativo quanto o da matemática, o da filosofia e o de outras formas de expressão criadora, as diversas formas de expressão artística. (...) (SILVA, 2004, p. 84)

A preocupação da autora é justamente em relação à de que gramática ensinar aos alunos (SILVA 2004, p. 86), não com o objetivo de impor normas de usos de prestígios, mas o de explicitar regras que estruturam as línguas e permitem o seu funcionamento. Neste sentido, a autora destaca que nós, professores, buscamos nos apoiar em um dos modelos que julgamos como o melhor: há aqueles que se apoiam no ensino tradicional que até conseguem desvelar para seus estudantes a teoria tradicional sobre classes e funções. Há os que, negando a tradição, se concentram no desenvolvimento de práticas comunicativas e conduzem seu ensino sobre análise de textos, por sua vez renovadas pelos avanços teóricos de teorias discursivas que, se bem feita será, conforme a autora, um bom caminho. Há ainda aqueles que apenas seguem o livro didático que a coordenação pedagógica recomenda.

Campos (2014, p. 17) defende que para o ensino da gramática, assim como qualquer disciplina, existem três tipos de objetivos assumidos como principais nas atividades de ensino-aprendizagem: de ordem prática, de ordem cultural e um voltado para o desenvolvimento de habilidades cognitivas.

O primeiro, de ordem prática, correspondente à necessidade de aprimorar a competência do aluno no uso da língua, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita contribuindo para o seu desempenho como falante/ouvinte aconteça de forma adequada e segura nas mais variadas situações de interação realizadas com diferentes pessoas.

O segundo objetivo corresponde à necessidade de propiciar conhecimentos a respeito de um dos elementos formadores da identidade cultural do brasileiro, a língua portuguesa. Propiciar conteúdos como: a constituição da língua como sistema, seu modo de funcionamento, a sua formação histórica e a sua distribuição geográfica.

O terceiro objetivo volta-se para formação das habilidades cognitivas do aluno, na perspectiva de que a apropriação do conhecimento se faz prioritariamente pela reflexão. A aprendizagem efetiva decorre do ato de pensar. Neste sentido, durante todo processo de ensino–aprendizagem, é preciso criar espaços para que o aluno esteja sempre pensando e construindo o seu próprio saber.

De acordo com Campos (2014, p. 20), para atingirmos tais objetivos dependerá principalmente de nós, professores, reconhecendo a importância de nosso papel como agente de transformação, repensarmos primeiramente em nossas atividades didático-pedagógicas, uma vez que nenhuma mudança se efetivará sem nosso apoio e intermediação. É necessário estarmos dispostos a aprender, a ensinar, a experimentar a mudança, a enriquecê-las com os acontecimentos da sala de aula, refazê-las, se preciso, ou criar novas alternativas.

2. Análise da aula de gramática desenvolvida

As atividades sobre concordância verbal foram desenvolvidas com turmas do 9º ano do ensino fundamental da escola Instituto Odilon Prtagi, no município de Brasileia. É uma exigência da escola que se trabalhe com os conteúdos gramaticais que estão previstos tanto no plano de curso quanto do livro didático. No entanto, cabe ao professor selecionar, organizar e, se necessário priorizar aqueles conteúdos que diagnosticou como problema na turma, mesmo que corresponda a serie anterior.

O plano de curso e o livro didático propõem o ensino de concordância nominal e verbal aos alunos de 9º ano. O uso do livro didático é um recurso de apoio para nós, professores. Porém podemos recorrer a outros meios que julgarmos necessários. Para o estudo do conteúdo foi uti-

lizado o livro para realizar algumas atividades e uma música (anexo I) retirada da internet para realizarmos outros exercícios. O tempo estimado foi de seis horas aulas.

Praticamente em todos os conteúdos gramaticais que procuro trabalhar com os alunos inicio com um texto, às vezes, uma música, um poema, anúncio, etc. no primeiro momento (2 horas/aula) para estudar concordância tanto verbal como nominal (focalizarei no relato apenas na verbal, mas foram os dois tipos trabalhados). Apresentei para a turma a canção “Cuitelinho”, de Nara Leão. A maioria não conhecia, mas ouvimos e cantamos umas três ou quatro vezes para que os alunos se familiarizassem.

Montei um quadro para que os alunos informassem alguns versos que acreditavam que as palavras não estavam combinando entre si, mas que registrava um modo de falar próximo da linguagem oral (neste momento, houve comentários dos próprios alunos e esclarecimento acerca do uso da variedade linguística presente na canção que é peculiar de certas regiões do Brasil e de alguns setores sociais). A proposta não era de vermos o que é certo ou errado, mas que pudéssemos refletir acerca da linguagem utilizada e discutir sobre o fato da autora ter escolhido cantar a música dessa forma.

No outro dia, dando sequência a aula (mais 2 horas/aula), discutimos sobre o fato da gramática normativa nos apresentar regras que estabelecem a maneira correta de combinarmos as palavras nas frases e textos. Neste momento, procurei ainda lembrar os alunos da canção vista na aula anterior e valorizar a linguagem empregada no momento de produção da música, entre outras situações que foram exploradas na aula passada. Todavia, é preciso considerar que o aluno precisa (re)conhecer que há textos que precisamos utilizar outra variedade, por isso, fazendo o uso do livro didático. Vimos algumas normas apresentadas para regras de concordância verbal. Durante a explicação, fui apresentando alguns exemplos em frases para esclarecer melhor o assunto.

Depois (mais 2 horas/aula), os alunos foram orientados a copiar e resolver os exercícios propostos pelo livro didático (anexo II). Os alunos copiaram e resolveram os exercícios presentes no livro e, depois, fizemos a correção oral. Neste momento, pude perceber que por mais que os alunos fiquem atentos e até conseguem resolver as atividades, o propósito da aula não é alcançado com eficácia, pois, mais tarde, depois de solicitar uma produção de texto, o dissertativo-argumentativo, por exemplo, os

problemas de concordância permaneceram. É como bem enfatiza Travaglia (2009, p. 101), muitas vezes destinamos boa parte do nosso tempo em sala de aula para o ensino prescritivo, apegando-se a regras de gramática normativa, mas que infelizmente não tem obtido tanto êxito.

3. Proposta de intervenção

Como foi mencionado, embora se tenha desenvolvido aulas para o ensino de concordância verbal através da metodologia citada anteriormente, os problemas relacionados ao conteúdo abordado permaneceram. Diante disso, leva-nos a repensar em novas formas de trabalho que sejam capazes de sanar ou pelo menos amenizar o problema de maneira que os alunos vejam a importância do estudo e consigam estabelecer sentido para sua vida em sociedade.

Como já haviam sido trabalhadas as normas estabelecidas para as regras de concordância, solicitei que os alunos produzissem um texto dissertativo-argumentativo sobre os jovens e as redes sociais (gênero que é trabalhado desde o início do ano letivo com turmas de 9º ano) e, após a produção textual, selecionei alguns textos produzidos por alunos e distribuí a turma, orientando para que fizessem a leitura e avaliassem se o texto lido apresentava as ideias de forma clara e objetiva, e se não havia problemas ligados ao uso da língua naquele tipo de gênero. A princípio não informei que se tratava de textos produzidos por alunos.

A atividade foi interessante, em uma primeira leitura alguns notaram trechos que julgavam não estar correto como o emprego de “as redes social” e “os jovem” e “várias pessoas morre”. Alguns disseram que não havia problemas, pois as ideias estavam claras e argumentação convincente. Porém, ao pedir uma nova leitura e informar que se tratava de textos dos alunos, eles deram maior atenção. A intenção era fazer com que os alunos pensassem no gênero, sua finalidade, seu público, etc. analisando se a linguagem empregada estava de acordo com as exigências deste tipo de texto.

Os problemas diagnosticados pelos alunos no texto estavam relacionados aos desvios de concordância, tanto verbal quanto nominal, que, para a intenção comunicativa textual, não era viável. Montamos um quadro com os trechos encontrados tais como “procuram novos relacionamento”, “dos seus filho”, “seus vício”, “ficar ligado nas novidade”, “a população só vivem on-line”, “pessoas que se aproveita”, entre outros re-

gistrados. Na oportunidade, foi lembrado que na canção “Cuitelinho”, de Nara Leão, havia estes tipos de ocorrências. Porém ao perguntar sobre a intenção proposta tanto no contexto de produção da música quanto do texto dissertativo-argumentativo, se na intenção comunicativa havia diferença, a grande maioria dos alunos disse que sim e explicitaram os motivos, até informaram que se na música fosse corrigido os versos com desvios de concordância a mesma perderia um pouco de sua finalidade e pensaram ainda no público que a canção queria atingir.

Agindo dessa forma, acredito que se consegue atingir proximidade de um ensino descritivo e produtivo da gramática propostos por Travaglia (2009) e que são muito fundamentais, uma vez que forneceremos uma competência comunicativa mais ampla aos alunos. Fazer o aluno pensar, investigar, relacionar textos e aproximar-se da gramática de forma que ela faça sentido para a vida dele, sem dúvidas contribuirá para bons resultados relacionados ao ensino-aprendizagem.

Assim, com a metodologia proposta foi possível verificar que os alunos aprendem mais quando podem ver o problema próximo da realidade dele, isto é, ao trabalhar com textos produzidos por alunos em vez de atividades isoladas proposta pelo livro didático, eles conseguem se aproximar da língua e encontrar sentido. Travaglia (2009, p. 109) enfatiza que a ideia é trabalhar a gramática numa perspectiva formal mais ampla, na dimensão do funcionamento textual-discursivo dos elementos da língua, uma vez que a língua funciona em textos que atuam em situações específicas de interação comunicativa e não em palavras e frases isoladas e abstraídas de qualquer situação ou contexto de comunicação. “A perspectiva textual tem a possibilidade de fazer com que a gramática seja flagrada em seu funcionamento, evidenciando que a gramática é própria da língua em uso” (TRAVAGLIA, 2009, p. 109).

4. Considerações finais

Tendo em vista os apontamentos e análise realizados, pode-se afirmar que é necessário que nós, professores de Língua Portuguesa, consideremos como importante o trabalho que desenvolvemos em sala de aula com o ensino de gramática.

O primeiro passo é revermos a metodologia que aplicamos e procurar não nos limitarmos a um ensino prescritivo da gramática normativa, que muitas vezes é resultado de um tradicionalismo, como bem apon-

ta Silva (2004), que ressalta a importância de um bom professor dominar a gramática tradicional, mas que evidencia a necessidade de saber lidar com este domínio para ensinar o aluno.

Outro fator fundamental é consideramos a importância do papel que temos na relação ensino e aprendizagem para que de fato as mudanças possam surgir. Campos (2014) enfatiza que a aprendizagem de conteúdos gramaticais no Ensino Fundamental pode desempenhar um importante papel na melhoria do desempenho linguístico dos alunos, não só na leitura como também na produção escrita de texto, e é preciso entender isso para proporcionarmos esse ensino aos alunos.

Diante das questões apresentadas vemos que o fracasso e o sucesso no ensino de gramática dependerão, principalmente, na forma que a vemos e desenvolvemos na sala de aula. Como destaca Franchi (1987), “A crítica aos estudos gramáticas em nossas escolas só tem razão porque é crítica a um certo modo de conceber a gramática e de aplicá-la com nossos alunos”.

A atividade de intervenção proposta não sanou totalmente com os problemas de concordância diagnosticados, mas, sem dúvidas, proporcionou ao aluno um momento de aprendizagem significativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual, conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

CÂMARA JR. Joaquim Matoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 46. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CAMPOS, Elísia Paixão de. *Por um novo ensino de gramática: orientações didáticas e sugestões de atividades*. Goiânia: Cânone, 2014.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português: Língua, 9º ano: Língua Portuguesa. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

FRANCHI, Carlos. Criatividade e Gramática. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n. 09, p. 5-45. Campinas: Unicamp, 1987.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português são dois... novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ANEXOS

I – Canção

Cuitelinho (Nara Leão)

Cheguei na bera do porto
Onde as onda se espaia
As garça dá meia volta
E senta na bera da praia
E o cuitelinho não gosta
Que o botão de rosa caia ai

Ai quando eu vim de minha terra

Despedi da parentaia
Eu entrei no Mato Grosso
Dei em terras paraguaia
Lá tinha revolução
Enfrentei fortes bataia ai

A tua saudade corta
Como o aço de navaia
O coração fica aflito
Bate uma, a outra faia
E os oio se enche d'água
Que até a vista se atrapaia ai.
(<https://www.letras.mus.br/nara-leao/286075/>)

II – Atividades propostas pelo livro 9º ano Português Linguagens, de William Cereja e Thereza Cochar, p. 188.

